



O CARAPUCENHO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SOBRE ACCIDENTS POLITICO.

*Non servare malum nostri novum est. Que-
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Martial. lib. 10. Epist. 55.

*Quararei mesmo o tha de se as cosas,
Que he dos vicios falar, não das pessoas.*

A impunidade.

De quantos males peção sobre o nosso Brazil nenhum em meu humilde pensar he tão lastimoso, e consideravel, como a impunidade. Entre nós já não há nem vislumbres de medo em cometter os maiores crimes: os assassinos parece, que são empregados por engajamento, que estão assoldados para exercer a toda hora o seu horrivel mister, e em consequencia já não esperão as trevas, e calada da noite; no mais alto do dia, no meio das ruas embebem o punhal, ou disparão o bacamarte no coração da sua victima !!! E ainda se diz, que somos hum Povo civilisado, e livre? A inda se apregoa o

progresso das nossas luzes? Como pode dar-se Liberdade onde falta a segurança pessoal, base de todos os gozos, de todas as garantias? Quem há nesta Provincia, que possa julgar a sua vida sobranceira ás ciladas de hum rival, de hum inimigo, que a todo o momento lh'a pode mandar arrancar á custa de mœa duzia de patações? Quem não pasma de ver a facilidade, e desfastio, com que entre nós se perpetra o horrendo crime do homicidio?

Varias cauças, a meu ver, tem concorrido para tão espantosa relaxação: mas só tractarei das principaes, que vem a ser; a depravação dos costumes, provenientes, de falsos princi-

pios, e a frouxeza das nossas leis penaes. He inegavel, que no Brazil geralmente fallando, sempre foi deixada, e mal dirigida a educação das familias, já pela falta de instrucção publica, já pela peste da escravaria, que s'introduzio em o nosso Paiz. Em quanto o Povo conservava os principios da crença Religiosa, ainda que mesclados de extravagantes superstições, deixava-se levar do temor de Deos, das penas do inferno, &, e certos crimes horrorosos erão com effeito muito mais raros, e por isso quando apparecião de annos a annos causavão hum espanto geral: mas ao depois que os livros impios atravessãõ o Atlantico, ao depois que muitos entrarão a ler obras, alias de estilo seductor, em que se mette a ridiculo a salutar idéa da immortalidade d'alma, obras, em que lisonjeando as paixões, se pintão graciosamente como quimericas as penas eternas da outra vida, e contos, e novellas, em que se pretende destruir o typo de todos os principios da ordem social, quero dizer; a grande e saluberrima idéa da existencia de hum Deos remunerador da virtude, e castigador do vicio, ao depois finalmente que hum praga de livros, falsamente chamados filosoficos, e derramados por todo o Brazil innoculãõ o veneno do egoismo, reduzindo tudo a os interesses da vida prezente, e taxando de illusões vulgares, e d'imposturas Sacerdotaes os dogmas salvadores da vida eterna; a nossa moral perdeu os verdadeiros ali-

cerces; as paixões soltas, e desempeçadas usurparão o terreno, que occupavão os sentimentos Religiosos, e os vicios, e crimes por consequencia á maneira de hum açude transbordado de seus diques, tem extendido os seus extragos de todas as partes.

As leis penaes bem podião pôr algum estorvo á torrente dos crimes: mas o nossoCodigo, como se fôra feito para se executar em hum Povo eminentemente morigerado, mitigou todas as penas, e de starte parece, que acorçoou o pendor quasi geral de commetter os delictos. Hum Paiz, onde nunca se cuidára seriamente na cultura moral, hum Paiz corrompido sem nunca ter sido civilisado saltou repentinamente das penas da Ordenação do Livro 5.º ás doCodigo, que actualmente nos rege. Antigamente bastava, que o individuo fosse apanhado com hum a faca de ponta para ser degradado por 5 annos para as costas d'Africa; hoje (graças ao progresso, que nos trouxe oCodigo) o mesmo crime, sempre, e mui facilmente afiançavel, manda o citado código, que seja punido com 15 a 60 dias de prisão, e multa correspondente á metade do tempo!

Já ouvi sustentar, que melhor seria riscar da classe dos crimes o trazer-mas, seja de que natureza for, com tanto que se não lance mão dellas para offender a outrem, como se pratica em os Estados Unidos d'America. Mas com o devido respeito não posso abraçar tal opinião, primeiramente por que querer equipálar o Povo do Brazil com o d'aquelles Paizes he hum verdadeira Utopia; em segundo lugar estou firme na maxima geralmente recommendada por todos os Criminalistas -- que he sempre melhor prevenir os crimes, do que deixar, que se elles cometão para ao depois os punir -- Além disto a occasião (como diz o antigo prologo) he que faz o ladrão.

Huma grande parte dos homicídios são cometidos; por que os réos andavam armados; que se não trouxessem armas, seriam muito provavelmente mais reportados, e não se deitando a valentes, deixariam de perpetrar a morte, ou de a sofrer. Por esta parte não me agrada o regimen Americano; e não entendo, que por lá se não cometam homicídios; por que trazem todas as armas, que querem; se não, que se não cometem á pezar dessa permissão, o que bem prova a morigeracão desses Povos.

Ainda há causa pior, do que a brandura das nossas leis penaes, que vem a ser; a falta de execução dessas mesmas penas. Tal he a nossa immoralidade, que o homem assassino de profissão, e inveteradamente perverso, o homem, que em qual quer paiz civilisado seria objecto de horror, e execração publica, o homem, que por seus crimes não acharia guarida em parte alguma, encontra no meio de nós padrinhos, e protectores, e se chega a ser accusado perante o Jury, mui facilmente he absolvido; por que não falta quem s'empenhe em seu favor. Que sympathia para com o crime! Quantas familias honestas vivem na mais dolorosa indigencia, sem acharem quem dellas se compadeça! Mas hum malvado, que cobrou a infame nomeada de assassino destro, e expedito, esse tem quem o acolha, esse tem quem o defenda, e gaste dinheiros para o livrar. Ora em verdade se nós já não cremos em Deos, se julgamos hum sonho as estreitas contas, que deverá tomar-nos além desta vida, se já nem acreditamos em fôrma na immortalidade da nos'alma, não admira, antes he muito natural, que nos entreguemos desenfreadamente ás nossas paixões, e que nenhum escrúpulo nos prenda a mão assassina, quando o odio, a vingança nos dominão o coração.

Por outra parte as mais bellas; que solidas theorias de Beccaria, Carlos Lucas, Roussy, &c. á cerca da pena de morte, theorias mui gabadas por innumerados Periodicos do nosso Brazil, tem-nos feito mais mal, do que se pensa, tanto assim que he coisa mui ordinaria ouvir por ali até a pessoa rustica, que já ninguem está sujeito á pena ultima; por que está assentado, que a Sociedade não tem direito para impor tal pena. Eu já li, e com reflexões todas essas obras, e muito respeito as filantropicas intenções de seus illustres Auctores; mas concluo de tudo, que elles dizem, que ou a Sociedade pode em certos casos tirar a vida a aquelle de seus membros, que a perturba, e offende gravemente, ou que se não lhe cabe este direito, tambem o não tem para impor pena alguma.

Bem desejára, que os homens fossem todos taes, que nunca houvesse a dura necessidade de effectuar-se a pena ultima: mas devemos considerar os homens (diz Benjamin-Constant) como elles realmente são, e as cousas, como deverão ser, e não *vice versa*. O que seria dos cidadãos honestos, e pacíficos, se eliminada fosse do nosso Codigão a pena de morte? Quem mais poderia habitar no Brazil, se os assassinos soubessem, que nunca terião de sofrer a pena ultima? Desengane-mo-nos, que a prisão com trabalho, as casas de correcção, &c. são penas, que podem produzir saudavel effeito no homem, que ainda guarda em seu coração sementes de recipiência; mas que são inefficazes, são improveitosas para o assassino de profissão, cuja alma perversa já não he impressivel ao aguilhão do remorso. Para tal tigre só a pena de morte, por meio da qual livra-se a Sociedade, não de hum homem, ainda susceptivel de correcção, e emenda, porem sim de huma

fera sanguinédenta, e indomável.

Se algum dia os nossos costumes se tornarem tão puros, e perfeitos, que os homens saibão respeitar reciprocamente os seus direitos, e cumprir os seus deveres, se em algum tempo os mais poderosos se horrorizarem de assalariar sicários para satisfazer as suas vinganças, se apparecer hum epocha, em que o homicídio premeditado seja objecto da indignação, e horror universal; então eu direi, que deve ser riscada do Código Penal a pena ultima.

Parece, que estas verdades começam a calar no animo dos Cidadãos sisudos, e bem intencionados; pois na ultima sessão do Jury nesta Capital já forão condemnados ao suplicio alguns réos convencidos de assassinios. Em verdade he preciso, que todos os homens honestos, e cordatos conspirarem unanimente em perseguir os malvados, sob pena de vivermos sujeitos a seus perversos caprichos, e de irmos sendo victimas de seus sempre aguçados punhaes. O homem, que de sangue frio está constantemente disposto a prestar o braco assassino a quem lhe pague para tirar a vida a outrem, nunca o offendeo, e a quem muitas vezes nem bem conhece, he hum monstro, que não deve viver no meio dos homens.

Reservemos a nossa compaixão para a orfandade desamparada, para a pobreza desvalida, e ainda para as fragilidades humanas; mas olhemos sempre com indignação para o malvado, que faz vida de sicario, e se absolvida para matar ao seu semelhante, persigamo lo com todo o rigor da justiça de sorte que venha elle a encontrar em cada Cidadão honrado, não hum pedrinho, mas hum accusador, não hum advogado, mas hum perseguidor.

Concluirei este meu discurso com as seguintes Maximas de hum respeitavel Criminalista.

„ Com Leis fracas nunca haverá Tribunaes fortes, e os mesmos Tribunaes serão sempre mais fracos, que as Leis. „

„ Em qual quer Estado he preciso punir mais, do que recompensar pela mesma razão de que em huma marcha militar são reprehendidos os que deixão as fileiras, e nada se diz a os que nellas caminhão. „

„ Se a Sociedade não tivesse o poder de impor a hum assassino a pena capital, a natureza teria recusado ao homem a força fisica de dar a morte ao seu semelhante.

„ Deos maldade ao homem, que perdêe; mas prescreve á Sociedade, que puna.